

MÉTODOS BIOGRÁFICOS E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE DESENVOLVIMENTO HUMANO E BEM-ESTAR

VIDAS DE PROFESSORES, de IDOSOS e de IMIGRANTES: DA REDESCOBERTA DE SI E DOS OUTROS À (TRANS)FORMAÇÃO IDENTITÁRIA

Ricardo VIEIRA

CICS.NOVA.IPLeiria; ESECS-IPLeiria

ricardo.vieira@ipleiria.pt

Resumo: Procuo, neste texto, resultante de uma comunicação apresentada no Simpósio “métodos biográficos e construção de conhecimento sobre desenvolvimento humano e bem-estar”, no XXXVII Colóquio da Afirse Portugal, a 30 de janeiro de 2020, dar conta das investigações que tenho realizado com recurso a micro-histórias de vida, essencialmente com professores, idosos e imigrantes. Explorarei as potencialidades da entrevista etnobiográfica e o modo como a mesma leva à redescoberta e racionalização de experiências passadas, opções tomadas, etc. destes sujeitos, pela possibilidade de terem alguém que os ouve e os questiona a partir das suas próprias lógicas, contextos e background cultural.

Os sujeitos entrevistados refletem, assim, também eles, sobre as intenções do inquiridor e sobre si próprios. Neste sentido tornam-se também investigadores de si próprios.

Ao nível do estudo com professores, pretendo mostrar como se constrói, em cada caso, a disposição para a construção da interculturalidade na sala de aulas.

Ao nível da pesquisa com idosos, pretendo mostrar a utilidade de narrativas para compreender a força do projeto pessoal de cada sujeito na construção de uma certa qualidade de vida ao nível das dimensões mais subjetivas do viver.

Ao nível do estudo de imigrantes brasileiros em Portugal, trabalhando com a primeira vaga (final dos anos 80: mão de obra qualificada) e a segunda vaga (transição do século XX para o XXI: mão de obra menos qualificada) pretendo mostrar como se reconstrói a identidade entre duas margens culturais: a cultura de partida e a cultura de chegada.

Em qualquer dos três casos, são usados conceitos que tenho trabalhado no âmbito das metamorfoses identitárias e da identidade em gerúndio e observada a heterogeneidade de modos de viver entre culturas, seja rejeitando a de origem (o caso do oblato), seja rejeitando a de chegada num dado momento (o modelo do self monocultural de acordo com a cultura de partida), seja vivendo de forma ambivalente entre as duas (o caso do eu multicultural), seja inventando a terceira margem, como diz o poeta, que corresponde a uma atitude de busca da inclusão das diferenças culturais por que se passou, ao longo da trajetória de vida, num self que se torna mais intercultural.

Palavras-chave: Entrevista etnobiográfica, Oblato, Trânsfuga Intercultural, (Auto)formação, Subjectividade e Qualidade de vida

INVESTIGADOR E INVESTIGADO, INVESTIGADORES DE SI E DOS OUTROS

«O essencial é invisível para os olhos. [...]»

A. Saint-Exupéry, O Príncipezinho

Os sujeitos entrevistados, sejam eles os professores, os imigrantes ou os idosos que tenho estudado, refletem, também eles, sobre as intenções do inquiridor e sobre si próprios. Neste sentido, tornam-se também investigadores de si próprios. Não é apenas o investigador que investiga um outro a quem não é dada voz. Pelo contrário, é também o entrevistado que se pesquisa a si próprio e, em consequência, acede a uma dimensão reflexiva que não tinha ainda sido possível atingir antes da interação com o investigador.

A interação, devidamente centrada no questionamento das práticas na lógica do entrevistado e em comparação com outras alternativas, é, possivelmente, também uma via para reforçar a competência da reflexividade na vida profissional destes investigados e para a tomada de consciência da identidade, quer pessoal, quer social.

Por isso, as entrevistas etnobiográficas (Vieira, 2003; 2009; 2013; 2014), conducentes a trabalho com histórias de vida ou com narrativas (auto)biográficas, são um poderoso instrumento de investigação, de descoberta do menos visível, objetivo e consciente e, também, simultaneamente, de (trans)formação, de (auto)formação de quem é objeto de questionamento dentro da sua própria racionalidade.

ALGUMA CONCEPTUALIZAÇÃO: O OBLATO E O TRÂNSFUGA INTERCULTURAL

O oblato é um sujeito que não se identifica com a sua origem cultural. Idealizando uma trajetória social que não a que teve, efetivamente, o oblato educa os seus filhos para a nova sociedade que habita e cultura com que se identifica e nega-lhes o passado. Por vezes, é comum para muitos filhos, ao chegarem à adolescência, lamentarem-se da ausência de passado que os leva em busca das suas raízes nos países ou regiões de origem dos seus antepassados (Vieira, 2009; 2013; 2014).

O segundo modelo teórico que uso neste texto é o de trânsfuga intercultural. Neste modelo há uma aceitação da nova cultura sem rejeitar a antiga. O trânsfuga intercultural integra a cultura do país, ou contexto(s) de chegada, no seu universo pessoal, dando uma nova dimensão à cultura de origem sem a destruir ou substituir, dando-lhe uma terceira dimensão resultante da integração comparativa do eu e do outro, do nós e do eles Vieira (1999; 2009; 2013; 2014).

Os professores, imigrantes e idosos que se inscrevem no modelo trânsfuga intercultural aceitam que são mestiços, plurais e não têm qualquer problema em viajar intelectualmente pelos contextos do passado e de consciencializar o que deles tiraram para a reconstrução do seu self atual.

HISTÓRIAS DE VIDA E IDENTIDADES DE PROFESSORES

«Tudo tem o seu lado superficial
e o seu lado profundo,
o visível e o seu invisível,
a realidade imediata e a outra.»
Virgílio Ferreira, Pensar.

Como se chega a professor? Como se é a pessoa que é? Por que é que alguns assumem duas posturas corporais, comportamentais, linguísticas, identitárias, enfim, culturais, no sentido antropológico amplo do conceito, conforme se está no mundo da escola ou na vida que fora dela acontece e se vive? Por que razão emergem os oblatos? Como se (auto)constrói o trânsfuga intercultural? Muita pergunta para responder num curto texto. Para não pecar pelo excesso de sujeitos a usar e pouco poder aprofundar, opto por uma versão minimalista no tocante aos casos biográficos a usar na exploração da problemática do texto em curso

A Elsa Santos

Quando era aluna da Escola do Magistério Primário da Guarda, a Elsa mudou, rompeu, inovou, quando leu o Eurico o Presbítero, perante o bibliotecário atónito. Estava instituído que esse era um dos livros proibidos. Passou a ser permitido, pelo menos para ela. Tanto insistiu que a deixaram lê-lo. No tocante a obrigações académicas, foi a única que não passou um trabalho - o perfil psicológico - porque o professor o exigiu no dia seguinte a um baile consagrado para a cidade onde estudava. Ela teve a coragem de romper com o sistema. Perante um pai muito tradicionalista, com uma estrutura social orientadora muito

hierarquizada e fixa, em que quem sabe é o homem, que é quem manda e dita, ela sempre se opôs, e, de entre os irmãos, sempre teve coragem de dizer o contrário, mesmo consciente das consequências que poderiam daí advir.

Hoje a professora Elsa diz que prefere relacionar-se com a gente humilde, não com "Os Zés finos": "*como já lhe disse, gosto de falar mais com a gente humilde do que com os Zés Finos. Dos Zés finos não gosto muito. Não que trate mal alguém, mas dou-me melhor, estou mais à vontade ...*". Prefere então trabalhar em aldeias ou mesmo nos subúrbios das cidades. Penso que essa preferência acontece justamente porque ela é uma trãnsfuga que não renega o passado e que não se identifica também com o elitismo. Aliás diz não gostar das grandes cidades. A Elsa está muito mais próxima do código linguístico, da gramática cognitiva, de atitudes, etc., e da ética dos camponeses do que da dos urbanos. Isto torna-a empática não só com os alunos desfavorecidos, que acarinha, ajuda, protege, como também a torna mais activa e comunicativa com os próprios pais deste tipo de alunos. Com eles discute, sugere, pede e enfrenta se necessário. A comunicação com os mesmos é eficaz porque usa estratégias de mostrar o seu eu que acaba por se identificar com o eles em muitos aspectos. Em vez de hiatos, rupturas, consegue continuidades, apoios, envolvimento dos pais, contrariamente ao que acontece com os professores que se assumem como distantes, mesmo que também muitos deles sejam provenientes de meios semelhantes, como é o caso da Fátima que abordarei a seguir.

É o género de professora/assistente social, animadora local/professora missionária: ensaia teatro depois das aulas, treinava andebol, organiza "cafés-concertos" para os fins de semana da comunidade, etc. Envolve-se parentalmente com os alunos e famílias: torna-se madrinha dos alunos (crisma) e visita-os mais tarde. Cria uma relação muito humana, de amizade e afectividade a partir das relações pedagógicas. Traz os alunos a casa nas férias e por vezes diariamente para lanchar. É uma memória que guarda de quando era aluna e adorava ir a casa da professora primária.

A primeira professora que teve é um modelo de conduta no seu quotidiano: "*não batia; era bonita; falava com doçura e ternura*". Tinha um relacionamento muito próximo com os alunos. A própria Elsa conta que ia a casa da professora, com muito empenho e muita alegria e levava-lhe flores e depois lanchava com ela. Parece-me claro que esta memória agradável foi transportada para os seus hábitos de hoje como professora.

Sempre se preocupou com os mais desfavorecidos, isto quer em Portugal quer em Moçambique onde leccionou também quando acompanhou o Marido no seu trabalho. Parece-me que isto terá também a ver com a memória que guarda do tempo em que era criança. Desde aí veio a desenhar-se-lhe uma filosofia da harmonia e da luta contra a exclusão social e o racismo assim como uma empatia para com os alunos e a sua epistemologia .

Elsa. - Bem, eu sempre procurei tratar os alunos como iguais, as diferentes "raças" e tudo.

INV. - Quando está com as crianças, tanto cá como em Moçambique de alguma forma a sua infância é transportada para o presente, para perceber os miúdos com quem trabalha?

Elsa - Bem, não sei se é consciente ou inconsciente, mas acho que sim. Hoje, estou por vezes muito esquecida mas, é engraçado, não me esqueço nunca de determinadas coisas da minha infância e do que eu sentia como criança. E talvez seja por isso que eu gosto tanto de crianças. É que eu tenho um mundo de criança cá dentro. Isto não quer dizer que eu não dê os meus erros a educar, inclusivamente os meus filhos. Mas realmente sempre tive um bom relacionamento com as crianças.

Moçambique contribuiu bastante para a construção duma hermenêutica intercultural na mente do casal Santos. Ambos aprenderam a respeitar a alteridade e a comunicar na lógica local assim como a buscar o entendimento do entendimento.

"É que, vivendo no mato eu vivi uma experiência extraordinária, uma riqueza tão grande que dava para comparar com a cidade, com Portugal, com tudo. Deu-me para perceber melhor os povos e as suas diferentes vivências. Deu-me para perceber que a política que o Governo Português estava a utilizar não era a melhor para o Ultramar. Deu para eu perceber que as pessoas têm ideias pré-concebidas mas erradas; e que só conhecendo os povos, só convivendo, sentindo na pele é que se consegue perceber. Isto deu-me portanto uma riqueza interior muito grande. Acho que me tornou melhor como pessoa. Tive alunos excepcionais pretos assim como tive também

maus alunos. Deu-me uma grande experiência. Há coisas na nossa vida que nos marcam e que depois influenciam toda a nossa maneira de ser através dos tempos”.

A Fátima Salgado

A Fátima é um exemplo do modelo de Oblato que descrevo nos meus trabalhos sobre esta matéria (Vieira, 1999; 2009; 2014). Fátima parece identificar a "normalidade" cultural com os modelos urbanos e com a racionalidade de que ela hoje faz parte. Tudo o resto, afinal próximo do que foi a sua infância e adolescência, é considerado por ela própria como *handicap* e pobreza cultural.

Realço aqui o facto de a professora Fátima ter toda uma história de vida que lhe permitiu constatar as diferentes vivências na aldeia e na cidade, os tempos e ritmos de vida dos pais destes dois contextos e, todavia, a sua prática tem-se-me revelado como pouco intercultural. Mesmos quanto às crianças da sua escola que estudei, e apesar de ela ter tido uma vivência que lhe permitiu ter acesso a uma perspectiva émica dos grupos menos próximos da cultura escolar, de que afinal de contas ela fez parte, não raras vezes a vi agir e falar numa forma algo discriminatória e subvalorativa dos miúdos: "*Sabes Ricardo, este meio é um meio pobre, os pais são todos operários. É muito difícil trabalhar com eles*". Um olhar assente da diversidade cultural como algo deficitário.

A Fátima parece transportar a visão do passado, daquilo que então se chamava tempos livres, para a actual escola onde trabalha. Ao nível do discurso, reivindica que tempos livres na escola não podem ser continuação da escola. Mas continua a ser sintoma de oblato porque esta distinção pedagógica só a faz retoricamente. Na prática escolar, a Fátima não se afasta muito da visão que os professores mais tradicionalistas têm tido dos tempos livres na escola: um tempo para fazer os trabalhos de casa.

Por outro lado, o saber adquirido na especialização em Administração Escolar que realizou e o seu espírito reflexivo e capacidade de rapidamente encontrar explicações para tudo ou quase tudo, levam-na bastas vezes a construir teoria sobre o que designa de fracasso da Reforma Educativa.

“[As pessoas que estão isoladas] não têm hipótese nenhuma, não chega informação. Por isso é que eu te digo que isto é a negação daquilo que eu aprendi, porque para haver uma Reforma e para haver mudança, tem que haver informação, se não chega informação as pessoas não podem reflectir, porque não sabem se há nada de novo. Portanto, deviam ser os superiores, os organismos responsáveis, a fazer chegar às escolas... Se a informação não chega nunca poderá haver uma reflexão. Eu ainda hoje quis ter uma informação, recebi um telefonema e tive que me deslocar a custos próprias à repartição de serviço buscar um documento para o poder amanhã ler no Conselho Escolar, porque se eu estiver à espera dele o prazo termina. E aquilo prevê um prazo, que é concretamente a escolha de manuais escolares. Acaba dia 15 e o prazo passava sem o documento cá chegar”.

No fundo tem pouco trabalho como professora no terreno. Pelo que observei no meu trabalho de campo, parece ter dificuldades em pôr em prática o que assume como retórica discursiva. Melhor dizendo, talvez não se trate de dificuldades; talvez se trate, antes, de um eu profissional que recomenda determinadas práticas e de um outro eu pessoal e profissional que, alimentado pela visão do modelo de professor e aluno dos tempos da sua infância, a leve a praticar de outra forma. Será próprio dos oblatos viver e ser dividido?

Por outras palavras, parece que também a Fátima é no dia a dia uma professora do 1º ciclo muito próxima da professora primária que ela própria teve. É como se estivéssemos perante a presença de duas mentalidades ou mesmo identidades pessoais: a que se expõe para ser retida como imagem exterior, a que se quer fazer crer que corresponde ao que se faz e que se entende como ideal; e a que efectivamente corresponde ao eu prático e pedagógico.

TRAJETÓRIA SOCIAL DE UM IMIGRANTE: EM BUSCA DUM EU RE)CONSTRUÍDO ENTRE MARGENS CULTURAIS E COGNITIVAS

Apresento, aqui, apenas o caso do Rowney, um cirurgião dentista que escolheu Portugal para continuar a sua vida profissional.

Rowney é imigrante da primeira vaga de imigração, dos inícios dos anos 90. Tem formação superior e é cirurgião dentista em Leiria, Portugal. Ao contrário dos imigrantes apresentados antes, o seu discurso acusa já um tempo longo de vivência em Portugal, e de transformação. Está em Portugal há dezassete anos. Tem uma família luso-brasileira: a mulher é portuguesa, do Porto, tem duas filhas do primeiro casamento. Embora nascidas em Portugal, não lhes foi concedida na altura a nacionalidade portuguesa, devido à legislação que vigorava então.

Rowney reclama para si o direito de ser tudo: da primeira, da segunda e de todas as margens. Assume-se como um projecto em aberto:

“Eu sinto-me um cidadão da Terra. Eu não sou aquilo que nasci, eu sou o que construí, eu sou o que sou hoje. Se vai ser assim amanhã, não sei, provavelmente não. Provavelmente amanhã vou juntar mais coisas, mais aprendizagens, mais experiências e se calhar vou estar diferente, vou estar com outras visões, até me posso tornar um fundamentalista ou ainda um indivíduo mais aberto do que sou hoje. Não vejo as coisas com essa fixação no tempo.

A minha experiência de vida foi fundamental para essa minha capacidade camaleónica de me adaptar”.

Por isso constitui um caso prático do modelo do “eu intercultural” descrito atrás (Vieira e Trindade, 2008).

A sua adesão à cultura de origem faz-se por um apego às tradições alimentares do Brasil e pela firme recusa dos pratos tradicionais portugueses. Esta identificação primordial é também fortemente reivindicada através de um investimento afectivo na escola de samba a Portela, ou no clube de futebol brasileiro, o Flamengo; investimento que não faz em qualquer clube português.

“Não me peçam para torcer por outra escola que não seja a Portela, não vale a pena, é a escola de samba do meu coração cujas cores são azul e prata. Eu assisto ao desfile da Portela religiosamente os outros vejo (risos), é um pouco ritual, também há o ritual quando sento para ver o Flamengo a jogar não é a mesma coisa que sentar para ver o Porto jogar ou o Benfica. Quando o Flamengo joga saiam de perto de mim porque aí o fundamentalismo quase chega às raias da loucura (risos) tenho os meus pontos fracos, sou humano.

O Flamengo é que é o meu coração, o que é que eu vou fazer eu não consigo torcer por outra equipa. Quando estão ali duas equipas a defrontarem-se escolhe-se uma para ter mais simpatia mas não me consigo fixar por outra equipa, não dá para sofrer, é o Flamengo”.

Se o futebol funciona como âncora importante à cultura de origem, essa dimensão ontológica, o apelo das raízes, é reforçada pelas preferências alimentares, inequivocamente brasileiras.

“Eu não me adaptei facilmente do ponto de vista alimentar, na altura em que cheguei a Portugal, os cozidos, os grelhados não faziam parte da minha alimentação, eu até hoje continuo a alimentar-me brasileiromente, abomino couves, então caldo verde é uma questão fora de qualquer conversa, o cozido à portuguesa é um prato que não me serve para rigorosamente nada, entretanto o bacalhau do jeito que for, “marcha” que é uma “gracinha”, tenho um “asco” de sardinha assada para mim aquilo é a visão do inferno, é o quadro de Dante bem pintado, mas em contra partida sou apaixonado por um robalinho grelhado, há uma identificação com as coisas e não com a nacionalidade delas.

E posso me gabar de ter ensinado a minha esposa a fazer muita coisa que ela faz hoje, de comida brasileira e não só”.

A Metamorfose e a fuga pela “terceira margem” do rio

É o olhar dos outros que permite objectivar a transformação operada e tomar consciência dessa disjunção da identidade (Vieira e outros, 2006).

“Eu não sou o Rowney sempre, muitas vezes não tão directamente, mas mais pelas costas, eu sou “O Brasileiro”, ah é aquele médico brasileiro. Isso dá-te uma dimensão da importância da conduta que cada indivíduo como uma individualidade tem fora do seu país, você é representante do seu país. Não, sou brasileiro, mas também posso dizer que sou português”.

Com um pé em cada margem, onde criou raízes, Rowney é como uma orquídea, viajando pelo espaço em busca da terceira margem, o lugar que não existe em parte nenhuma, ou que poderia ser qualquer lugar da Terra (Serres, 1993).

PROJECTOS DE VIDA DE IDOSOS: O PAPEL DAS HISTÓRIAS DE VIDA

Segundo Neusa Gusmão, *“cada velhice é consequência de uma história de vida”* (Gusmão, 2003; Fernandes, 1997). Por isso esboço aqui, de forma rápida, o percurso de vida de um idoso independente para compreender como a qualidade de vida tem muito de subjectivo, da maneira como se vê e vive a vida e dos projectos e objectivos que ao longo da mesma se vão criando como metas a alcançar para a realização pessoal.

Quem Sou Eu? Os sonhos de um idoso de 88 anos

“[...] um homem para ser homem tem de ser um insatisfeito.”

(Extracto da entrevista com José Júnior realizada no âmbito de um trabalho de campo com alunos do Curso de Serviço Social da ESE-IPLeiria em 2005)

Encontrámos o Sr. José Júnior a deambular pelo seu quintal muito concentrado na tarefa de cortar umas ervas daninhas *“da qualidade teimosa como as mulheres”*. Homem de baixa estatura, mas de corpo rijo, o Sr. José, ou Sr. Zé, como lhe chamamos, é um homem muito activo, nos seus 88 anos, arranjando sempre maneira de entreter o corpo e a *“ideia”* ... *“desando p’ra um lado, desando p’ró outro, tenho sempre que fazer... sempre, sempre, sempre...”*

A primeira coisa de que nos falou, muito emocionado, foi do *“dom que nasce com nós”* aquele *“mistério que nasce com a pessoa”* que *“não se vê, nem se ouve, nem se sente... só o próprio é que o sente...”* mas do qual ninguém pode fugir e que determina as nossas acções. *“Não é preciso esperteza, nem estudo”* o dom de cada um é que nos guia pela vida.

O dom do Sr. Zé fê-lo querer sempre mais e melhor da vida *“tão não sabe que um homem para ser homem tem de ser um insatisfeito”*.

Durante muitos anos foi alfaiate, mas *“depois de casado”* decidiu *“montar a fábrica de plásticos”*, *“a ideia não parava, ainda hoje não parou”*. Mais tarde voltou para o ofício de alfaiate e posteriormente para a agricultura, actividade que aliás foi sempre exercendo paralelamente *“p’ra arranjar pró tacho, p’ra comer”*.

Fez várias viagens. Fê-las já depois de reformado. Antes *“o dinheiro não chegava”*.

Quando lhe perguntámos a que é que ele pensava que se devia a sua vida já tão longa, o Sr. Zé não teve com meias palavras, respondeu-nos francamente o que já tem pensado: *“devo isto em primeiro lugar à alimentação”* mas *“eu cá no meu pensar devo esta vida prolongada ao meu comportamento com a sociedade. Eu procurei sempre viver uma vida correcta, honrada perante as pessoas, educada, não os prejudicar, sempre agradável, na medida das minhas posses, dos meus conhecimentos.*

Um dia atrás do outro...

“[...] faço tudo o que eu quero fazer e o que eu penso fazer ainda faço.”

A vida do Sr. Zé, baseia-se nesta simples frase, hoje vai vivendo, um dia de cada vez. José Júnior, 88 anos, diz que a sua vida já passou. No entanto, todos os dias concretiza as suas tarefas, todos os dias sonha...

Zé alfaiate, como passou a ser tratado entre nós, levanta-se às sete, sete e meia para esperar a padeira; *“[...] tenho que comprar pão pa comer. Porque não posso viver do ar, nem posso viver do dinheiro”* O dinheiro *“tem que se transformado [...] em alimento”*. Às dez horas toma o pequeno-almoço, às duas almoça e entretém-se o resto do tempo ao redor da sua casa. Naquele

dia, sentou-se ao sol (protegido por um guarda-sol que tem pendurado num arame) e esteve lá a remendar um tapete. De resto, o Sr. Zé arranja sempre que fazer, “[...] passo por aqui, agarrado ao sacho, vejo uma erva, da qualidade de teimosa como as mulheres, corto-a. Vejo [...] outra erva daninha, corto-a, vou para o outro lado, faço o mesmo, desando p’ra um lado, desando p’ro outro, tenho sempre que fazer... sempre, sempre, sempre”. Mais tarde, virá a dizer que isto das ervas é como um desporto. “[...] o meu desporto é este... uma ervazita [...] teimosa, que é a erva das mulheres [...]”.

Zé alfaiate, de calças meio lavadas, sapatos esburacados, roupa a estragar-se das traças. Diz ele, “[...] sou um desgraçado”, no entanto, mantém viva a chama de viver. Sonha escrever um livro e questiona-se acerca das coisas e do futuro e se na maior parte das vezes não consegue encontrar repostas, “estuda”, pensa sobre o assunto e cria aquela que acredita ser a melhor solução para determinada questão.

O Homem Político...

“[...] isto anda de qualquer maneira. Anda como a cortiça ao cimo da água do mar [...]”

Durante a nossa longa conversa o Sr. José demonstrou ser uma pessoa informada, que assiste às notícias com regularidade.

Revelou, posteriormente, uma preocupação e interesse em relação à política, manifestando as suas convicções e a sua faceta participativa.

Contou-nos que escreve cartas aos governadores:

“[...] tenho escrito muito, mais é cartas p’ros governadores. [...] Porque ultimamente, foi para o ..., para o Santana. Já tinha escrito ao Portas, tinha escrito ao...a vários. Ai, a última... A última foi para o Félix. [...] Foi sobre as rendas das casas.”. E por vezes obtém resposta:

“Respondem, o que é que...é uma resposta à maneira deles, é uma resposta, claro, agradecem o que escrevo, aceitaram, ficaram a pensar no assunto [...]”

E o Futuro?

“vem aí uma época de miséria (...) 20 anos de miséria...”

Embora já com alguma idade, o Sr. José ainda tem planos para o futuro.

Começa por nos dizer que gostava de escrever um livro sobre histórias de vida, relatando a sua própria história onde incluiria a vida de um alfaiate, ou quem sabe, até escreveria outro livro apenas com essa temática: *“é uma história [...] histórias da vida.”*.

As suas ambições não ficam por aqui. Mostra o desejo de criar uma associação que abranja todos os idosos do distrito de Leiria, Portugal, entre tantos outros projectos de que não há espaço aqui para falarmos agora.

CONCLUSÃO

As circunstâncias e experiências de vida variam enormemente, tal como os indivíduos envolvidos no processo de construção de uma ou outra maneira de ser e de pensar.

Relativamente aos professores, as entrevistas que realizámos deram-nos variadíssimos exemplos para mostrar como os sujeitos entrevistados se redescobrem, racionalizam experiências passadas, opções tomadas, etc., pela possibilidade de terem alguém que os ouve e os questiona a partir das suas próprias lógicas e contextos.

Ao pesquisar as diferentes histórias de vida dos imigrantes, aqui brevemente apresentados, procuro reconstruir as viagens e experiências específicas que desde a infância até à idade adulta contribuíram para o desenvolvimento das suas atitudes perante

a diversidade humana (em alguns casos meramente multiculturais e noutros interculturais), incluindo, claro, o seu comportamento social e os seus hábitos.

No caso da alusão feita aqui ao estudo de idosos com recurso a histórias de vida, surpreendeu-nos encontrar um senhor já com 88 anos mas com tantos projetos de vida, projetos estes que o orientaram em todo o seu percurso biográfico e que o mantêm vivo social e politicamente. Deprendemos do seu discurso que estamos perante um homem com um acutilante espírito crítico e uma grande ambição, projecto que o traz bem vivo na vida quotidiana (Velho, 1994).

Encontramos no Sr. Zé um indivíduo com uma imensa necessidade de comunicar e contar a sua história. Ao contrário do que se possa pensar, o Sr. Zé acredita que os idosos têm muito para ensinar por tudo o que viveram e experienciaram.

Em qualquer dos temas de estudo – professores, imigrantes e idosos – a entrevista etnobiográfica permitiu não só recolher informação, como, também, construir conhecimento para o investigador e para o próprio investigado que, usando o tempo da interacção com o primeiro, se conheceu melhor a si mesmo, racionalizou as suas atitudes e acedeu à construção e (re)invenção de si (Pineau, 1983; Nóvoa, e Finger, 1988; Josso, 2002; Sousa, 2004; Vieira, 2006). Por isso, todos se (auto)formaram, também, no acto da investigação.

REFERÊNCIAS

- Fernandes, A. (1997). *Velhice e sociedade*. Oeiras: Celta Editora.
- Gusmão, N. (2003) (Org.). *Infância e velhice – pesquisa de ideias*. São Paulo, Brasil: Alínea Editora.
- Josso, M. (2001). *Experiências de Vida e Formação*. Lisboa: Educa.
- Nóvoa, A. e Finger, M. (Orgs.) (1988). *O Método Auto(Biográfico) e a Formação*. Lisboa: Ministério da Saúde.
- Pineau, G. (1983). *Produire sa Vie: Autoformation et Autobiographie*. Montréal: Ediligo.
- Serres, M. (1993). *O Terceiro Instruído*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Velho, G. (1994). *Projecto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- Vieira, R. (1999). *Histórias de Vida e Identidades. Professores e Interculturalidade*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Vieira, R. (2003). Vidas revividas: etnografia, biografias e a descoberta de novos sentidos. In T. H. Caria (Org), *Experiência etnográfica em Ciências Sociais* (pp. 77-96). Porto: Edições Afrontamento.
- Vieira, R. (2009). *Identidades Pessoais*. Lisboa: Colibri.
- Vieira, R. (2014). “Life Stories, Cultural Métissage and Personal Identities” in SAGE Open, Jan 2014, 4(1), DOI: 10.1177/2158244013517241. Online ISSN: 2158-2440. pp. 1-13.
- Vieira, R. e Trindade, J. (2008). Migration, Culture and Identity in Portugal. In *Language and Intercultural Communication*, 8(1).
- Vieira, R., Margarido, C. e Marques, J. (2013). *Partir, chegar e voltar: reconfigurações identitárias de imigrantes brasileiros em Portugal*, Porto: Afrontamento.